

Panos e também reafirmar sua tradição de diálogo com a arte latino-americana, o Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP recebeu, no dia 3 passado, a exposição de arte chilena "Traços de razão". Com curadoria de Ernesto Muñoz, ex-diretor do Museu de Arte Contemporânea de Santiago, e apoio da Embaixada do Chile no Brasil e do Consulado Geral do Chile em São Paulo, a mostra faz um percurso pelas últimas cinco décadas da trajetória artística desse país, tendo como perspectiva conceitual a razão.

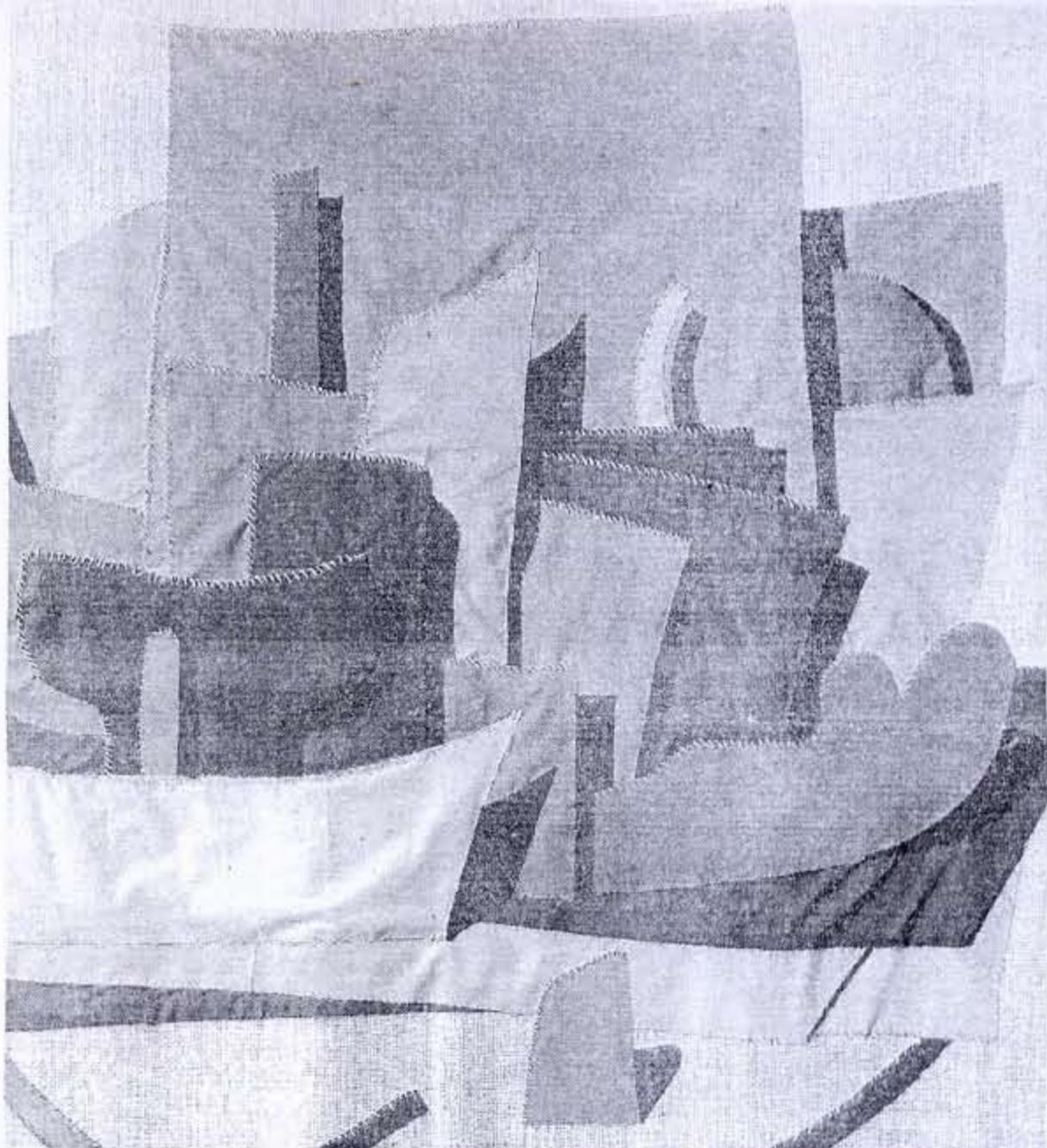
Trabalhos de 19 nomes de diferentes gerações e escolas foram aproximados pelo desejo de apresentar uma arte que, conforme explica Muñoz, "tem o seu nutriente no mundo mental". Segundo ele, "Traços de razão" traz aos brasileiros um outro olhar da arte chilena, que tem uma forte tradição expressionista. "Nós, chilenos, somos muito espanhóis. Temos, por isso, um lado mais contido, mais disciplinado, mais racional."

A intenção da exposição é resgatar uma série de artistas que, desde Hernan Gazmuri – o pioneiro da modernidade no país –, toma a questão formal como eixo central de suas criações. "Essa vertente que privilegia a forma possui uma forte vocação na América Latina, não só no Chile mas também em países como a Argentina, a Colômbia e a Venezuela", diz a professora Lisbeth Rebollo Gonçalves, ex-diretora do MAC e autora do texto do catálogo da exposição.

Com sete módulos, a mostra traz desde destaques da abstração geométrica em suas variadas vertentes – a construtiva, a minimalista e a cinética –, passando por propostas conceituais até as tendências mais recentes. Entre os destaques de "Traços de razão" estão duas das mais destacadas artistas contemporâneas chilenas, a escultora Lili Garafulic, que envia cinco esculturas em bronze, e a artista plástica Matilde Perez, com três imagens em impressão digital.

Montada para relacionar-se com "Interfaces Contemporâneas" – a outra exposição que o MAC apresenta atualmente –, "Traços de razão" tomou as três salas que antes eram destinadas às instalações e peças da arte mais contemporânea que há no museu. "Não houve assim, para o visitante, uma quebra na leitura", explica a professora Elza Ajzenberg, diretora do MAC.

Uma outra maneira de o museu da USP unir-se aos convidados foi a apresentação dos trabalhos de



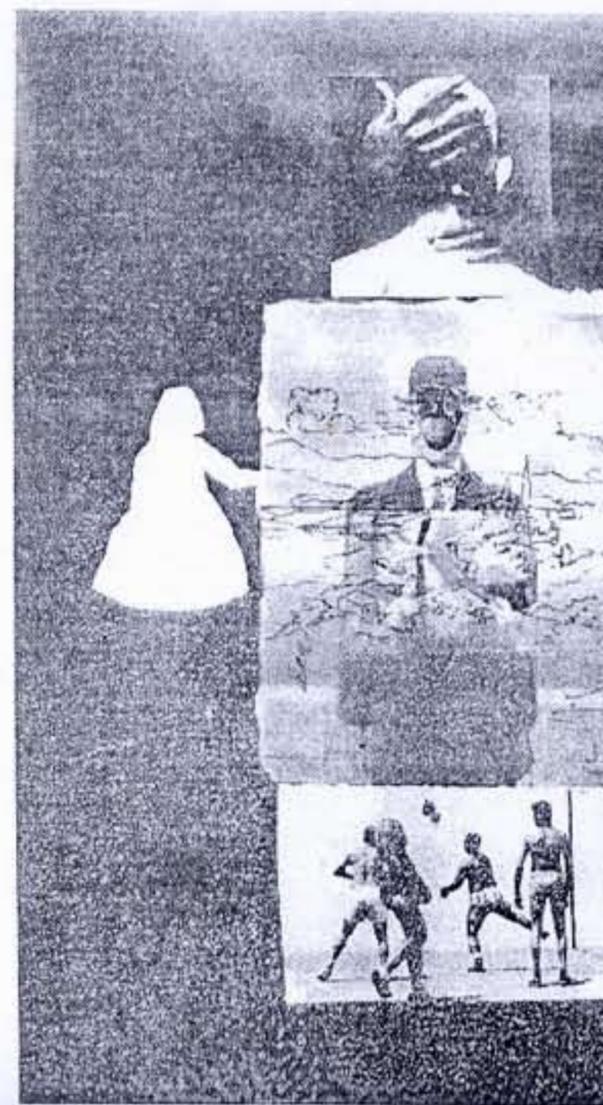
Francisco de la Puente, *Formas geométricas para fazer tapeçaria popular*

cinco chilenos, Roberto Matta, Marta Colvin, Nemesio Antúnez, Mario Toral e Ramon Vergara Grez, que já pertenciam ao seu acervo. "Até por ter nascido dentro do pavilhão da Bienal, o MAC sempre teve uma relação muito estreita com o internacional latino-americano. Nós queremos agora aprofundar essas relações, aumentar os intercâmbios", diz Elza. "A Universidade está abrindo e fortalecendo suas relações científico-culturais com o Chile, o que não deixa de ser uma 'ponte' para que outras relações do Brasil com esse país, inclusive comerciais, se fortaleçam."

Uma outra razão – A maneira como as obras foram dispostas nas três salas ajuda o visitante a compreender os diferentes momentos da arte chilena e também a ver como os artistas trabalham questões que vão do erudito ao popular. "Nessa exposição não se está tratando de razão como racional frio, um mental puro. Está-se pensando no projeto contemporâneo que abre espaço até para a anti-arte, para uma anti-razão, uma nova razão", explica Elza. "O contemporâneo traz para dentro do espaço da arte a fragmentação, a banalidade, o transitório. Existe uma quebra do suporte tradicional e o uso de novos materiais."

Na primeira sala, um experimentalismo do tema da razão é

feito a partir de técnicas tradicionais, como a pintura e a escultura. Aparentadas ao trabalho dos concretistas brasileiros, as criações de Ximena Mandiola, Alicia Larraín e Verónica Baeza exploram em suas telas as possibilidades do uso da cor e da forma. Ocupam o espaço ao lado os trabalhos em que a tematização do racional é feita com novos suportes. Estão ali peças como a de Francisco Copello, que usa a so-



Francisco Copello, *Biografia* pe